

Os meninos roem unhas.

E, se as unhas roessem os meninos ??

Apesar deste dístico não constituir *strictu sensu* um chiste ou uma piada, seu efeito cômico é inegável; parece haver uma brincadeira a partir da qual, invertendo-se o sujeito da frase pelo objeto direto, produz-se um impacto lúdico cujo produto é o riso.

A reversão de perspectiva operada no sentido da primeira frase para a segunda é pontual e rápida, mas não se esgota aí. O riso parece emergir da possibilidade de representação imaginária da cena/figura e da surpresa produzida pela estranha operação de onicofagia invertida. Tanto no primeiro momento quanto no segundo joga-se com o efeito do inédito e seus imprevisíveis desdobramentos.

Encorajada pelo título do livro e principalmente pelo estilo do autor, recorri ao artifício acima para tentar evidenciar o vértice a partir do qual o conjunto de textos que compõem *Contra-Natura* parece-me terem sido escritos. São textos anedóticos: anedota quer dizer inédito.... "Inédito é o não conhecido, o inesperado, o sobrecomum adotado como hipótese de trabalho ou como instrumento de análise."¹ São chistes que põem em jogo idéias instigando a reflexão, juntando fatos contrastantes para indicar novos sentidos, liberando o não-senso para apontar possíveis significados.

O livro abriga um conjunto de dezoito artigos escritos entre 1980 e 1998, publicados em várias revistas e jornais, alguns produto de transcrições de conferências e palestras. Agrupados em seis subtítulos ("Sexo Explícito, Inconsciente e Cinema, Arte Pulsional, Metapsicologia, Conseqüências Clínicas e In Memoriam")

Non-Sense

Resenha de Oscar Cesarotto, *Contra-Natura: Ensaios de Psicanálise e Antropologia Surreal*, São Paulo, Iluminuras, 1999, 185 p.

são textos independentes entre si que transpõem o território da clínica, e a partir de uma impaciência frente ao cotidiano, debruçam-se sobre fatos e temas da cultura expondo falsas evidências, costurando novas articulações, instrumentalizando o sarcasmo a serviço da busca de novas verdades.

Segundo o próprio autor, o desejo de agrupá-los num livro adveio do fato de estarem sendo usados e citados sem referência à sua autoria, donde podendo ser plagiado, melhor juntá-los, patentear-los e, dando-lhes um espaço comum, nomeá-los. *Contra-Natura – Ensaios de Psicanálise e Antropologia Surreal*, título escolhido após um espaço de tempo bastante longo, funciona como um *après-coup* que, à distância, e a partir de um valor retroativo, pode apontar tanto para o sentido que os textos vieram a ter para o próprio autor quanto para o prisma através do qual gostaria que fossem lidos.

Registrando sua clínica ou tomando as manifestações da cultura como objeto, recriando mitos para que o cotidiano revele seus sabores, o psicanalista,

quando escreve, produz literatura, na medida em que faz "de qualquer redação uma hipótese sobre o fantasma" (p. 158), onde o que transparece, para além do tema escolhido e do estilo adotado, é uma criação que revela a verdade do autor, nos diz Cesarotto. Poderíamos complementar dizendo que o que ele escreve são "estórias" destinadas à captação de momentos, pelas quais circula o trágico e o cômico sob seu olhar aguçado. "São estórias que não querem ser história. A estória, em rigor deve ser contra a História. A estória, às vezes quer-se um pouco parecida à anedota. A anedota pela etimologia e para a finalidade requer fechado ineditismo. Uma anedota é como um fósforo: ris-cado, deflagrada, foi-se a serventia. Mas sirva talvez ainda a outro emprego a já usada, qual mão de indução ou por exemplo instrumento de análise, nos tratos da poesia e da transcendência."²

À guisa de ilustração, tomemos o texto no qual o enigma

do que quer uma mulher é relançado através da questão do papel da feminilidade dentro da sexualidade feminina, formulação que só é possível dado que uma mulher pode não ser feminina (p. 15). Logo no início do texto o autor, desafiadoramente, enuncia que "o papel dos homens é cortejar as mulheres e confirmá-las com seu olhar, desde que duas condições sejam cumpridas: do ponto de vista deles, algo deve ser objeto deste olhar, que, da perspectiva delas só é suportável se acompanhado de um silêncio que não nomeia o que é fitado" (p. 16). Sem percorrer o caminho teórico que autoriza esta afirmação, fica implícito que é com a mãe que descobrimos o primeiro gozo, apegados ao seu corpo intensamente catexizado e que, por caminhos diferentes, sob a égide da castração, o que se joga na inveja do pênis (para ambos os sexos) é esta primeira relação com a progenitora. Na tentativa de eludir a castração a menina voltar-se-á para o pai, esperando dele obter o que sua mãe não lhe pode dar. Seu olhar a confirmará e, através de um acordo no qual os homens serão o sujeito do desejo e ela objeto, dar-lhe-á acesso à feminilidade. Isto subentendido, nosso *homo ludens*, invoca Lévi-Strauss. Não o antropólogo, mas o fabricante de jeans. A partir da propaganda da calça Levis ("Dá ao homem algo da mulher e à mulher algo do homem") o autor escancara a lógica que guia o desejo do homem pela mulher: ele só aceitará algo dela, se ela tiver algo do homem, por exemplo, o zíper da calça na entreperna! Para aceitação masculina, traveste-se com calças *unissex* "colocando-se não só no lugar da mulher mas também no do homem para buscar algum saber sobre o desejo, ... man-

tendo sua polivalência fálica intacta” (p. 16). Menos do que a conclusão teórica em si, o que é digno de nota é a escolha do apelo cômico do zíper da calça que, de forma hilarantemente incisiva, ilustra a tese proposta.

Dilapidando a seriedade, Cesarotto constrói uma antropologia surreal para dar conta das manifestações do humano exatamente onde o inconsciente mete o bedelho. É o caso de “Grotesco”, texto incluído no subtítulo ‘Arte Pulsional’, onde esboça uma rápida metapsicologia daquilo que suscita riso ou escárnio proveniente do ridículo, do exagero ou do anti-natural. Partindo da teorização freudiana sobre a estima narcísica das fezes como primeiro produto do organismo e a possibilidade de identificação de ouro com imundície, o que surpreende neste mini-texto é a habilidade deste *Chaplin* da psicanálise de conseguir pinçar um fato para ilustrar as palavras do mestre vienense e dele extrair remates originais. Cita a obra de um tal Piero Manzoni, que em 1961, vendeu noventa latas cheias de seus próprios dejetos, cada uma com trinta grammas, custando trinta e dois dólares, o equivalente à quotação do preço do ouro naquele momento. A inflação valorizou a obra e, hoje, paga-se por elas a quantia de setenta e cinco mil dólares a unidade! A apresentação deste artista insubordinado mas criativo a ponto de transformar ouro a partir de fezes induz ao riso/espanto catalisa-

dor entre o nem totalmente dito (... este sujeito é um impostor), nem o totalmente confessado (...eu também gostaria de ganhar dinheiro tão facilmente). Além de tornar evidente a antítese entre o mais valioso e o mais desprezível e a equivalência simbólica dinheiro – cocô, o autor nos joga no terreno do contra-senso, conduzidos a um riso proveniente do absurdo. “A psicogênese dos chistes nos ensinou que o prazer em um chiste deriva do jogo com as palavras ou da liberação do *non-sense* e que o significado nos chistes pretende simplesmente proteger o prazer contra sua supressão pela crítica.”³ “Assim como São Tomé postulava que o lucro é sempre imundo, em contrapartida, deveria ser afirmado que, em determinadas circunstâncias a porcaria pode virar mais-valia” (p. 103), conclui Cesarotto de forma bem-humorada.

O livro todo é um convite à supressão da crítica e à liberdade de observação que, somados a um engenhoso conhecimento da psicanálise, comprovam o quanto a cultura continua se manifestando através de formas lúdicas. Rimos durante a leitura porque nos comprazemos em ver que a razão se engana em relação à realidade e porque ela se torna ridícula por não ser capaz de alcançá-la. “Os conceitos pelos quais a razão ‘pensa’ a realidade estão sempre sujeitos a um desnudamento que revele sua falsidade e esse desnudamento nada mais é que o objeto do riso.”⁴ Talvez resida aí a verdade de que nos fala o autor, fórmula de

compromisso em que a possibilidade de insurreição encontra válvula de escape.

Para citar uma última estória, esta peculiarmente séria, mas impregnada do mesmo estilo, “Opção Freudiana” (anteriormente publicada na revista *Opção Lacaniana*) deveria ser lida pelo menos duas vezes. Nela, nosso escriba se pergunta sobre o motivo da psicanálise ter sido inaugurada pelo estudo da histeria, mais especificamente pelo texto homônimo assinado a quatro mãos, por Freud e Breuer. O que parece ser até quase o último parágrafo mais uma homenagem aos cem anos da psicanálise, retomada através da teoria do trauma e da constituição do objeto da nova ciência da alma, é retomado no final do artigo para mostrar como o desvinculamento de Breuer constituiu-se numa “opção desiderativa clínica, intelectual e revolucionária” (p. 128). Vista sob o prisma de uma escolha de separar-se de um médico mais velho, aceito e reconhecido nos círculos científicos vienenses, a opção de Freud não parece apenas revolucionária mas visionária: um corte na relação como prenúncio do corte epistemológico que anunciaria o inconsciente como descoberta fundamental, corte

na representação do homem de si mesmo e do mundo.

Tais pequenos inesperados, descentramentos súbitos, fazem a delícia da leitura dos textos e é pela ação do imprevisito que eles ganham seu sentido pleno. A linguagem coloquial mescla-se ao uso preciso e lapidado do vernáculo onde formalidade e informalidade se equilibram com leveza e fluidez.

Inquietações psicanalítico-surrealistas? Textos de psicanálise aplicada ao cotidiano? Conjecturas psicanalítico-ficcionais? “São textos transpsicanalíticos por definição, meta-freudianos na origem e para-lacanianos na essência (...), que falam por si, deveriam deixar muito a desejar” (p. 9).

Citando Guimarães Rosa: “o livro pode valer pelo muito que nele não deveu caber”.⁵

NOTAS

1. L. Tenório da Motta, “As Margens do Sentido em Guimarães Rosa”, in *Catedral em Obras*, São Paulo, Iluminuras, 1995, p. 131.
2. J. Guimarães Rosa, “Aletria e Hermenêuti-ca”, in *Tutaméia Terceiras Estórias*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985, p. 7.
3. S., Freud, *O Chiste e Sua Relação com o Inconsciente*, Rio de Janeiro, Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, 1988, volume VIII, p. 130.
4. V. Alberti, *O Riso e o Risível na história do pensamento*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999, p. 186.
5. J. Guimarães Rosa, *op. cit.*, p. 17.